

SEGUIR O EXEMPLO DE JESUS

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM PhD

Para completar vejamos as palavras do Senhor Jesus que encontramos em João 20:21, palavras endereçadas aos discípulos. "Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós." Como muitas vezes acontece, o "segredo" está nas pequenas palavras, no caso "assim como". "Assim como" o Pai me enviou--e como foi, como fez o Pai? Melhor, como fez o Filho ao ser enviado? Ele ficou em casa, para assim dizer? Deixou sua "casa", deixou sua "terra", veio parar por aqui. E que Ele fez por aqui? Encarnou-se, se fez gente, identificou-se conosco. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (João 1:14). Mais ainda do que o Apóstolo Paulo, Jesus é o exemplo mor daquilo que um missionário transcultural deve ser e fazer. Ele que de mais longe veio; Ele que mais se humilhou. (Aliás, diga-se de passagem, quando alguém escolhe uma carreira missionária para passar melhor do que passaria de outra sorte, dá margem para dúvida; qual seria a motivação verdadeira?).

Como temos visto, as ordens e estratégias missionárias de Cristo implicam em trabalho **transcultural**, necessariamente. As 2.000 etnias sem obreiro e os 2,5 bilhões de pessoas por ouvir representam precisamente um desafio transcultural; para que sejam alcançadas alguém terá que transpor uma barreira de língua e cultura. Ao enfrentar esse tipo de trabalho devemos seguir o exemplo de Jesus, que nos fornece certas atitudes básicas. Todas as outras estratégias que já comentamos atingem a todo o povo de Deus, e algumas talvez sejam mais importantes para os que ficam do que para os que vão aos campos, mas esta sétima estratégia diz respeito primordialmente ao missionário. Se bem que, pensando com mais cuidado, pode ser que achemos aplicações bastante práticas também para os que não saem de sua cidade. Vejamos pois as atitudes básicas.

Identificar-se

O Verbo "se fez carne e habitou entre nós". Jeovah Filho aceitou o corpo preparado (Heb. 10:5), identificou-se efetivamente conosco. Pensando no tempo e no local específicos, Jesus comeu o que o povo comia, falou a língua que eles falavam, andou como pobre em meio de pobres, enfim, vestiu a pele daquela gente. Temos também o exemplo do Apóstolo Paulo. Ele declara seu procedimento em 1 Coríntios 9:20-22.

20 Tornei-me como que judeu para com os judeus para ganhar judeus, sob lei para com os sob lei para ganhar os sob lei,

21 sem lei para com os sem lei (. . .) para ganhar os sem lei.

22 Tornei-me como que fraco para com os fracos para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos para por todos os meios salvar alguns.

Aí nos versos 24 e 25 Paulo cita o exemplo de atletas que se submetem a certas disciplinas para alcançar a meta.

Fica claro que Paulo procurava identificar-se com o povo, ou as pessoas, que ele estava querendo ganhar para Cristo. Na história das missões transculturais modernas tem havido muita falha nesta área. Muitas vezes o missionário não tem sido sensível para com a cultura, e até mesmo a língua, do povo que ele objetiva. Qualquer falha desnecessária (às vezes têm aspectos da cultura que são objetivamente pecaminosos, coisas que a Bíblia claramente condena, e aí o porta-voz de Cristo não pode participar) diminui a eficiência do obreiro, pois atrasa a aceitação dele pelo povo o que fatalmente acarreta atraso na aceitação do Evangelho. Se o povo rejeitar o mensageiro rejeitará a mensagem que ele leva também. O efeito estratégico desta atitude é de tanto alcance que merece mais atenção da nossa parte.

Procurar "Renascer"

A maneira mais fácil de aprender a língua e a cultura dum povo é como criança, nascendo no meio deles. Sucede que nós não temos mais essa opção, temos que começar nossa carreira

missionária já adultos. Contudo, creio que devemos colocar como meta como que "renascer" na língua e na cultura do povo objetivado. Quer dizer, devemos nos esforçar conscientemente no sentido de dominar a língua e a cultura do povo, ver se um dia eles nem nos consideram mais como sendo "de fora". Para tanto será necessário abrir mão da nossa cultura, enquanto estivermos entre eles. Não seria questão de rejeitar a própria cultura, pois quando voltar para sua própria terra terá que "voltar" à cultura também. A gente se torna bilíngüe e bicultural, ou às vezes trilingüe e tricultural, e até mais. Mas enquanto no meio do outro povo devemos fazer por onde entender e assumir a cultura deles--é uma tática importante visando ganhá-los para Cristo.

Muito bem, imaginemos que Deus dê à gente a incumbência de fazer discípulos entre um povo que até aqui nunca ouviu de Cristo. E agora, como fazer? Por ser um povo que nunca foi estudado por pesquisadores de fora e por ser uma língua que nunca foi escrita, não existirá escola no mundo inteiro que ofereça um curso sobre essa língua ou cultura. O único "remédio" que tem é se deslocar até lá e pedir licença para morar no meio deles. Quase sempre existe contato pacífico com pelo menos um povo vizinho, e mediante uma língua franca da região deve ser possível falar do seu desejo e receber permissão (nem sempre dada com entusiasmo). Tentar contato com um grupo arredio exige muita prudência e sabedoria, e a direção específica de Deus.

Viver numa aldeia indígena, por exemplo, é um outro mundo--comida diferente (às vezes bem diferente), "casa" de palha ou pau-a-pique, costumes diferentes e até constrangedores, falta de higiene (pelo menos ao nosso ver), e um idioma tão difícil e complexo que a gente facilmente perde a esperança de um dia poder comunicar o Evangelho a contento através dele. É uma "parada" dura, sem sombra de dúvida, mas o apóstolo tem que enfrentá-la. O próprio povo vai testar sua disposição de identificar-se com eles. Em nosso caso a esposa e eu fomos "obrigados" a comer a larva que se acha no tronco podre de uma certa palmeira (eles comem cru mas ainda permitiram que frigíssemos!). Disse "obrigados" entre aspas porque eles não teriam apelado para a força física (mas já houve caso onde a "prova" foi imposta a pulso), mas quais teriam sido as conseqüências de uma recusa nossa? Seríamos reprovados, já que tratava-se duma prova. Teria sido uma derrota para nós, pois na melhor das hipóteses (poderia haver reação violenta) eles diriam: "Sendo assim, vocês ficam para lá e nós ficamos para cá!". Por mais que nos esforcemos, no início seremos estranhos e diferentes, mas interessa sobremaneira fazermos por onde diminuir a barreira cultural que nos separa do povo, **diminuir** e não aumentar.

A chave que abre o coração dum povo é sua língua materna. Apóstolo que se preze não descansará enquanto não dominar o idioma do povo objetivado. Enquanto não dominar continua sendo um elemento estranho, de fora. Pior ainda, um missionário que não domina a língua do povo condena o Evangelho também a ser sempre estranho, uma coisa de fora. Como pode? A língua do povo é a chave que abre o coração; aí do porta-voz de Cristo que não der o peso devido a este fator!

Parece-me que a falha mais generalizada no comportamento missionário é identificação a menos: por falta de preparo, orientação ou disposição o obreiro fica aquém da meta. Pode parecer uma contradição da minha parte, mas pode ser que alguém faça uma identificação muito seletiva que acabe sendo prejudicial--suponho que o prejuízo decorra da falta de uma visão global exatamente porque a pessoa não se deu ao trabalho de aprender a língua e cultura de forma abrangente. É fácil "sentir as dores" dum povo, se empolgar com problemas sociais, com questões políticas e econômicas, mas todo cuidado é pouco.

Cuidado com Questões Políticas e Econômicas

Conseguir um domínio razoável duma língua e cultura (numa situação pioneira) costuma levar pelo menos dois anos, e olha lá. Diante da frustração de não ter condições de transmitir a Palavra de Deus durante esse tempo, é fácil ver nos problemas de ordem política ou econômica uma válvula de escape, uma maneira de "ajudar" o povo. Mas aqui também sua ignorância quanto à cosmovisão do povo representa uma armadilha. É mais provável que acabe tentando impor "soluções" que devem sua "validade" à sua própria cosmovisão mas que não são sensíveis à deles--é um tipo de imperialismo ou paternalismo. É necessário atentar também para o perigo de criar dependências. Às vezes a pessoa cai na armadilha de forma "inocente", sem refletir nas implicações. Mas hoje em dia se propaga uma interpretação "social" do Evangelho, uma hermenêutica marxista que se impõe à Bíblia (quando não é ideologia marxista pura e simples), que ensina que é exatamente e de preferência na área social que o missionário deve concentrar seus esforços, fale ou não a língua, entenda ou não a cultura.

Todo cuidado é pouco! Nosso ponto de vista deve ser teocêntrico e não antropocêntrico. Não cair na asneira de servir a interesses egoístas, e nem criar esperança falsa! Qualquer atividade nossa que parte de pressupostos humanistas ou materialistas vai dar "com os burros nágua". Interesse egoísta é interesse egoísta, seja lá de quem for. O Evangelho de Cristo não existe para atender a nossos interesses egoístas; existe sim para atender à **glória de Deus**. Vejamos a doutrina de Jesus.

Primeiro vejamos as palavras d'Ele registradas em Mateus 5:38-41:

38 Ouvistes que foi dito: "olho por olho" e "dente por dente".

39 Eu, porém, vos digo que não resistais ao malfeitor; mas a qualquer que te bater na face direita, volta-lhe também a outra;

40 e ao que quer litigar contigo e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa;

41 e se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Já pensou? É uma doutrina um pouquinho difícil de se por em prática, será que não? Mas aí está. Convida comentário maior o caso da segunda milha. No império romano, em qualquer país subjogado, um soldado romano podia obrigar um cidadão desse lugar a carregar seu bernal uma milha (os romanos colocavam marcos nas estradas de milha em milha). Ora vejam! Que situação mais injusta e humilhante! Coisa de conquistador e explorador! Por que Jesus não mandou cuspir na cara do soldado e lutar para libertar a terra da opressão imperialista?

Em Mateus 22:17-21 Jesus ensinou pagar tributo a César, César o conquistador, César o explorador, César o injusto. Em Lucas 12:14-15 alguém pediu que Jesus tomasse partido numa questão de interesse particular, e Ele apenas aproveitou o ensejo para enunciar princípios fundamentais capazes de transformar vidas e sociedades, mas esses princípios têm que ser abraçados de livre e espontânea vontade; não podem ser impostos a pulso.

Agora vejamos Lucas 7:18-22. João Batista enviou homens para perguntar diretamente a Jesus se Ele era o Messias. Após presenciarem muitas curas Jesus disse (verso 22): "Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres anuncia-se o Evangelho." Aos pobres anuncia-se o Evangelho. Nada de distribuir espadas, de levantar contra o governo, de gritar por uma distribuição mais eqüitativa dos bens materiais. Aos pobres anuncia-se o Evangelho. Agora, nesta mesma passagem Jesus demonstrou claramente sua compaixão perante o sofrimento físico das pessoas--curou a todos os enfermos que o procurassem. Curar, sim; meter-se em encrenca política ou econômica, não.

Obviamente não podemos dizer que Jesus não tinha fibra; sabia inclusive usar violência. Em João 2:14-17 Ele fez uso de violência física para "purificar" o templo. Paulo, em Atos 13:6-11, foi "violento" no caso de Elimas. Poderíamos dizer que Pedro foi "violento" com Ananias e Safira (Atos 5:1-10) e com Simão (Atos 8:18-24). Essas reações enérgicas da parte do Senhor Jesus e dos Apóstolos sempre se deram em defesa de princípios espirituais, nunca questões econômicas ou políticas. Um princípio bíblico relevante é que as autoridades são de Deus (por mais estranho que às vezes pareça)--ver Romanos 13:1-2 e 1 Pedro 2:13-18, entre outras. Quem prega ódio e violência não é de Deus. Aliás, é impossível ser marxista e cristão ao mesmo tempo, são ideologias antagônicas (há vários anos encontrei-me no gabinete do Secretário de Missão da IECLB e ouvi-o dizer, cheio de prazer e satisfação, que estavam empenhados em bolar uma igreja que abrigasse harmoniosamente ao mesmo tempo "cristão" e marxista--olho vivo, minha gente!).

Quero deixar bem claro que meus dizeres a respeito de envolvimento em questões políticas e econômicas se restringem à atuação dum missionário no meio dum povo do qual ele não é nativo. Dentro da nossa própria sociedade podemos e devemos nos preocupar com a realidade econômica e política, agindo de maneira responsável.

Humilhar-se

Outra atitude básica exemplificada pelo Senhor Jesus está declarada em Filipenses 2:5-8.

05 Haja em vós a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus,

06 que, embora subsistindo em forma de Deus, não tentou apegar-se ao ser igual a Deus,
 07 mas esvaziou-se a si mesmo assumindo a forma de escravo, tornando-se em semelhança de
 homens;
 08 e sendo achado em figura humana humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte,
 inclusive morte de cruz!

Humilhou-se a si mesmo! Quem não aceitar ser humilhado simplesmente não serve para missionário. Aliás, o egoísta, o orgulhoso, o soberbo pouco prestará em canto algum, dentro do reino de Deus, pois a Bíblia é clara: "Deus resiste aos soberbos" (Tiago 4:6 e 1 Pedro 5:5). Ensoberbecer-se é maneira certa de fazer de Deus seu opositor e nenhum servo de Cristo deve sequer pensar em se dar a esse "luxo". Mas no que diz respeito a trabalho transcultural nem é opção--o missionário será humilhado, quer queira quer não, e várias vezes ao dia.

Quando fomos dar início a nosso trabalho entre os Apurinã, tanto a esposa como eu tínhamos curso de pós-graduação. Alguém poderia imaginar que fomos à selva ensinar alguma coisa ao índio. Bem, talvez um dia, mas no início tínhamos que aprender com eles, pois na selva o mestre é o índio--nossos graus pouco resolviam. Numa cultura reduzida cada pessoa tem seu papel, sua função, sua posição e é previsível que o povo procurará colocar a gente num "nicho" também. Quem levar assistência médica pode entrar no nicho de curandeiro; quem levar mercadorias pode ser visto como patrão, etc. Mas o primeiro papel que a gente pega é de aprendiz, aprendiz de língua e cultura. E daí? É que aprendiz de língua e cultura é papel de criança! Ainda me lembro bem. Fazia pouco tempo que estávamos na aldeia quando alguém disse para mim: "Gilberto, que é que você tem? Nossas crianças com cinco anos de idade já estão falando nossa língua perfeitamente bem e você aí, grande desse jeito, não consegue falar. Qual é seu problema?!" Confesso que doeu um pouco, e isso aconteceu mais de uma vez. Minha esposa também sofreu--tinha uma das mulheres que gostava de zombar de suas tentativas de falar; mas segurava no pé dela, não perdoava mesmo! Muitas vezes deixava a esposa angustiada, coitada, ao ponto das outras mulheres ficarem revoltadas com aquela. Não é fácil.

Muitas vezes as pessoas pensam no índio (no caso) como sendo aquela figura exótica, esquisita, diferente, mas quero dizer que quando a gente primeiro chega por lá, nós é que somos os diferentes, esquisitos e exóticos. É melhor que um circo! Tem uma platéia constante a observar tudo que a gente faz e tem--observar e comentar! Intercalam seus comentários com risadas (quando não gargalhadas), e a gente entendendo "patavina"--quer dizer, sabe que é a nosso respeito que estão rindo, mas não entende as palavras. O espaço permitisse poderia colocar experiências várias mas creio não ser necessário. Podem ter certeza que ignorância da língua e cultura imporá humilhações diárias ao missionário. Fora isso não faltarão também outras coisas a testar nossa humildade. É imprescindível termos "a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus".

Limitar-se

Em Mateus 15:21-28 encontramos um relato que me comove. Uma mulher cananéia clamou a Jesus pedindo libertação para a filha. Ele sequer respondeu. Como ela não parou de clamar os discípulos pediram uma providência. Aí Jesus disse: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (verso 24). Com isso dá-se uma conversa entre a mulher e Jesus onde ela dá um exemplo de humildade e fé quase sem igual nas Escrituras, e ganhou sua "migalha". Mas interessa no momento é a declaração do Senhor Jesus que está no verso 24--no seu ministério terreno Ele se limitou, concentrou-se no esforço de alcançar um só povo. Ele deixou cair umas poucas "migalhas" para os outros mas não chegou a interromper sua atuação junto ao povo de Israel. Foi na cruz que Ele ia "atrair todos" (João 12:32), mas pouco antes de dizer isso aparentemente negou-se a receber uns gregos (João 12:20-23), embora estivesse a poucos dias dessa cruz.

Missionário transcultural precisa saber se limitar, mormente se for trabalho pioneiro. Será duro e demorado mesmo se concentrar seu esforço para alcançar um só povo. Se fracionar ou diluir seu esforço dificilmente conseguirá ganhar o povo objetivado. Tem havido caso de brasileiro intentar alcançar uma tribo indígena do país onde por falta de preparo e orientação adequados não suportou a frustração de passar meses a fio sem poder evangelizar (não dominando a língua); aí foi evangelizar os civilizados que moravam na região e agora tem igreja entre eles mas entre os índios ainda não. Por isso também, ao meu ver, trabalho pioneiro entre povos não-alcançados não poderá ser realizado por "fazedores de tendas", i.e. pessoas que vão a outro país para exercer uma função profissional--o ofício apostólico exige esforço integral.

É questão de propósito e incumbência. Se Jesus me manda fazer discípulos entre uma etnia então é essa a minha incumbência. Sucede que lidar com um povo minoritário sempre implica em enfrentar um terreno minado. Sempre os povos minoritários são explorados pelos majoritários. Sempre existem preconceitos de raça, de religião, de cultura, de qualquer coisa--sempre! Sempre existem choques de interesses, interesses comerciais, políticos, pessoais, etc.--sempre! Lidar com povo minoritário é um terreno minado. A aldeia onde fomos morar ficava a uma hora, selva adentro, numa vila (hoje sede de município) à beira do rio Purus. Quando escolhemos morar na aldeia o pessoal da vila tomou como insulto, não gostaram nem um pouquinho (pois nossa presença viria valorizar e proteger um povo que eles vinham desprezando e explorando). Mas a nossa incumbência era alcançar a aldeia e não a vila, mesmo porque já existia igreja evangélica na vila (com a qual não deixamos de colaborar). Se tivéssemos escolhido ficar na vila seria interpretado pelos índios como uma identificação com os exploradores, com os perpetradores de toda sorte de desgraça, e com isso iríamos criar uma barreira psicológica que nos atrapalharia durante bastante tempo. Mesmo contra o nosso gosto, às vezes somos obrigados a "tomar partido", obrigados pelo terreno estragado que existe e pelo próprio povo que queremos atingir. É questão de propósito e incumbência.

Cabe aqui mais uma observação. Exatamente devido a esses terrenos estragados, muitas vezes um estrangeiro terá melhor aceitação do que um cidadão do país, junto a uma etnia minoritária, precisamente porque não está implicado nos atritos da região. Em muitas áreas do mundo povos vizinhos vêm se digladiando há séculos e existem ódios e rancores que só Deus pode sanar--num contexto assim uma pessoa obviamente "de fora" pode encontrar mais facilidade do que uma outra que poderia ser "dos inimigos". Para complicar, o clima político a nível nacional costuma ser o contrário--o estrangeiro pode ser melhor aceito a nível tribal mas encontra rejeição a nível nacional, às vezes. Não tenho solução a propor, a não ser o uso das nossas armas espirituais; no momento só quero alertar para a problemática. Devemos andar prevenidos, e dispostos a aceitar limitações.

Respeitar

Para sustentar esta atitude não tenho uma passagem bíblica a citar. No entanto é uma coisa óbvia que está implícita no identificar-se. Precisamos entender que cultura é necessária. Na sua essência cultura é o conjunto das normas de trato e procedimento que uma comunidade adota. Só não precisa de cultura quem estiver sozinho num deserto ou numa ilha perdida no oceano. Nenhuma cultura é totalmente boa, e nem totalmente má. O uso da expressão "cultura pagã" pode levar as pessoas a imaginar que uma tal cultura seja totalmente imprestável, que não é o caso. Se comemos com garfo, colher, pauzinhos ou dedos, nada tem a ver com moral; se dormimos em cama, rede ou chão, idem. Muitas coisas nas culturas são neutras, moralmente falando; apenas são costume. No momento que duas ou mais pessoas querem viver pacificamente numa área, tem que existir cultura.

Missionário transcultural precisa saber respeitar a cultura do povo objetivado. Não deve chegar querendo impor mudanças. O Evangelho não se impõe. O próprio Deus não quer saber de culto fingido, de "obediência" forçada (pelo menos nesta era da graça)--Ele quer culto sincero, obediência que brota do coração. Quando logramos impor alguma mudança a um povo, mas que eles não entendem ou que não representa convicção deles, além de criarmos hipócritas é arriscado criarmos um vácuo na cultura. Quando o povo larga uma prática por imposição nossa o propósito ou a função dessa prática cai no vazio, com conseqüências quase sempre negativas.

Em todo caso, se achar que tem que mexer numa prática, por favor, procure saber a razão primeiro. É quase inevitável que o missionário vai ver práticas que ele acha absurdas, imorais, horrendas, até criminosas. Que fazer? Procure saber a razão! Vamos dar apenas um exemplo. Em muitas culturas indígenas do Brasil, e de outros países também, quando uma mulher dá à luz quem faz "resguardo" é o pai! Ele cai no fundo da rede e lá fica, uma semana ou duas--já a mulher tem que levantar e trabalhar como de costume. Imagino que você possa achar isso um absurdo, talvez chegue a se revoltar até. Suponhamos que você resolva "moralizar" essa situação; avança em cima do homem, chama de tudo quanto é nome, tanto fala e tanto faz que ele acaba levantando e indo trabalhar. Bom, acontece que teria sido interessante entender o porque desse procedimento. É que eles crêem que de uma maneira misteriosa, nos primeiros dias de vida dum filho, quaisquer energias que o pai consegue poupar são transferidas para o filhinho, garantindo assim a saúde e o bem-estar da criança. Se você acredita ou não é fator irrelevante—é assim que **eles** crêem e é por isso que o homem age dessa forma. Pois bem, vejamos agora as seqüelas de sua interferência: se por

infelicidade a criança adoecer, o pai será responsabilizado (ele privou seu filho das forças necessárias para enfrentar a vida), e se por desgraça maior a criança vier a morrer, aí ele é tido por assassino. Tem mais uma: quando um homem faz resguardo assim ele está reconhecendo a legitimidade do filho; se não fizer, é como que dizer para a comunidade: "Sei lá onde ela arrumou mas não foi comigo!". Os reflexos sociais são sérios e vão longe.

Irmãos, é melhor não mexer; é melhor deixar por conta do Espírito Santo. Vamos nos esforçar para fornecer a Palavra de Deus o quanto antes para que eles possam se converter e chegar a ser verdadeiros discípulos de Jesus. Aí eles também terão o Espírito Santo na vida e Ele se encarregará de cobrar as mudanças necessárias. Quando procedemos dessa forma acontece o seguinte: Ele deixa em paz algumas coisas que nós queríamos mudar e altera outras que nem nos incomodaram. Com isso cada cultura retrata a graça de Deus de forma um pouquinho diferente, que nem as facetas dum brilhante.

Infelizmente, na história missionária têm havido casos onde missionário provocou estrago na cultura do povo (cabe observar de passagem que certos tipos que mais gostam de criticar os missionários costumam eles mesmos provocar estragos maiores e piores quando lidam com povos indígenas). Missionário pode provocar algum estrago, tem acontecido, mas ele não destrói culturas, como às vezes é acusado. É importante fazermos uma distinção entre missionário e Evangelho. O Evangelho não destrói cultura, e nem mesmo danifica--o Evangelho **aperfeiçoa** cultura, qualquer uma, inclusive a nossa. Um missionário eventualmente pode fazer algum mal, mas o Evangelho só faz bem. Precisamos urgentemente criar consciência e sensibilidade no sentido de distinguir e separar entre o que é Palavra de Deus e a nossa própria cultura religiosa. Muita coisa que pregamos e ensinamos tem base bíblica escassa, quando não inexistente. Vamos pregar o **Evangelho**, meus irmãos, e não nossa cultura religiosa!

Devemos comentar mais uma coisa aqui. Temos que respeitar a cultura do povo objetivado, mas ao mesmo tempo temos que confrontar o reino das trevas. Devemos nos identificar com o povo, exceção feita a práticas que a Bíblia condena. Já que o missionário está lá precisamente a fim de oferecer uma cosmovisão diferente, não deve comprometer essa cosmovisão. O culto aos espíritos malignos é ingrediente central de muitas culturas. Precisamos de discernimento espiritual para separarmos coisas "neutras" de coisas diretamente relacionadas com os espíritos. Nem sempre é fácil distinguir. Tenho citado Hebreus 2:14 várias vezes, mas o período inclui o verso 15 também, que traz uma verdade triste mas de grande importância para nós. Em **todas** as culturas dos homens o medo da morte escraviza as pessoas. Muitas práticas se prendem ao intuito de afastar a morte--é impressionante ver quantas vezes tais práticas resultam em morte (lembrar que um dos passatempos de Satanás é levar as pessoas à morte). Por exemplo, muito derramamento de sangue resulta da suspeita de feitiço; mata-se o "responsável" para evitar que ele mate. Poderíamos encher a página de exemplos. Não posso oferecer uma fórmula mágica para dirimir as dúvidas. Novamente tenho que me contentar em alertar para a problemática. Peçamos a Deus discernimento e respeito!

Preparar-se

O Senhor Jesus passou trinta anos preparando-se para três anos de ministério público. Trabalho transcultural pioneiro é pelo menos dez vezes mais difícil e demorado que evangelismo comum (i.e. na sua própria língua e cultura). É isso mesmo, dez vezes mais, e estou sendo moderado. Além do mais, mesmo com o melhor preparo e a melhor orientação disponíveis o obreiro que enfrentar uma situação transcultural fatalmente sofrerá "choque cultural". Choque cultural é um mal-estar emocional e psicológico que resulta quando alguém mergulha numa língua e cultura estranha, desconhecida. Nosso equilíbrio psicológico depende muito do conhecido, da rotina, do previsível--ao nos encontrarmos numa situação onde é tudo estranho, onde não entendemos nada, onde não conhecemos as regras de comportamento ficamos desorientados, ficamos "doentes". Sempre recomendo ao novel missionário que não fique mais que três meses na primeira estadia na aldeia (no caso)—deve sair para um contexto mais conhecido e reaver o equilíbrio psicológico. O obreiro tem que estar avisado para não ficar desesperado imaginando que esteja perdendo a sanidade. Cada vez que volta à aldeia sente menos choque.

Por tudo isso declaro e insisto que para trabalho transcultural o obreiro precisa receber preparo especial e específico. Mandar um missionário para outra terra sem tal preparo é um ato irresponsável, é um crime, pois o coitado vai sofrer desnecessariamente e será muito menos eficiente e produtivo do

que poderia ser; e o risco de fracasso é bem maior. Um bacharelado em teologia não resolve--preparo bíblico ou teológico é necessário, mas não é o suficiente. É preciso receber as ferramentas técnicas para enfrentar outras línguas e culturas, inclusive partindo da estaca zero se necessário. No momento diria que o melhor curso desse tipo que existe no Brasil é oferecido em Brasília pela Missão ALEM.

Sei que alguém vai pensar na volta de Cristo e a provável escassez de tempo. Se Jesus vem aí até onde devemos "perder" tempo com preparo? Baseado em tudo que sei acerca do assunto eu quase diria que todo preparo é pouco, mas obviamente se não sobra tempo para trabalhar o preparo perde a razão de ser; temos que achar um meio termo. Imaginemos que de alguma maneira Deus nos desse uma revelação segura dizendo que Jesus voltaria daqui a cinco anos. Assim ficaríamos sabendo que tínhamos só cinco anos para terminar de fazer o que ainda resta para fazer. Digamos que tenha dois jovens com idade, preparo bíblico (três anos de seminário), disposição e capacidade nativa mais ou menos iguais. Todos os dois sentem que devem tentar alcançar uma das etnias não-alcançadas. Um diz: "Puxa vida, Jesus vem aí; só temos cinco anos; não posso perder mais um minuto com preparo; lá vou eu!", e se manda. Já o outro diz: "Puxa vida, Jesus vem aí; mas não tenho condições de enfrentar um trabalho pioneiro; vou pegar as ferramentas primeiro." O segundo passa dois anos pegando preparo específico. Pois nos três anos que restam ele faz mais efeito que o primeiro faz em cinco--o primeiro fica lá se batendo sem saber como fazer. Se o prazo for maior a vantagem do segundo aparece cada vez mais. Sem um nível mínimo de preparo específico quase não adianta seguir para o campo.

Implicações

Temos que criar uma nova mentalidade nos meios evangélicos, mentalidade que reconhece a realidade de trabalho transcultural. Às vezes não estamos acostumados com trabalho demorado e oneroso. Se um pastor resolve abrir um ponto de pregação para ver se surge uma congregação, o que ele faz? Escolhe um jovem, talvez um seminarista, para liderar a equipe e tocar o trabalho. Dentro de poucas semanas o pastor já quer ouvir de resultados: "Graças a Deus houve três conversões hoje; já ganhamos cinco almas," etc. Certo? Se passa dois meses sem resultado aparente o que acontece? O pastor tira aquele e coloca outro, será que não? Se a mesma igreja enviar um jovem para um trabalho transcultural, e se ele escrever uma carta após um mês, essa carta não vai cantar as almas ganhas não; vai versar mais ou menos assim: "Graças a Deus ainda estou com vida; escapei até aqui! Já consegui aprender cem palavras," etc. É um outro mundo.

Creio que um médico cirurgião pode entender o negócio. Sacar o apêndice de alguém é uma operação simples (se não supurou) que custa relativamente pouco. Já um transplante de coração é uma operação bastante complexa, delicada e cara--e exige muito mais preparo e capacidade da parte do médico. Creio que um engenheiro civil também pode entender. Construir uma casa é uma coisa; erguer um prédio de vinte andares é **outra** coisa--o tempo, a perícia, o material não se comparam! Quero dizer que trabalho transcultural pioneiro é como o prédio ou o transplante, é mais demorado e custa bem mais caro que evangelismo por aqui, e exige mais preparo. Se vamos levar a sério as ordens de Cristo temos que assumir essa realidade.

Quero contar a história dos colegas que trabalham com a tribo Lacandon no sul do México. Deram início à obra por volta do ano 1940, creio, e os anos foram passando. Passaram cinco anos de esforço e luta, e nada--nenhum índio se converteu! Agora eu pergunto, quem agüentaria dar duro por cinco anos sem ver resultado? E qual a igreja que agüentaria mandar dinheiro mensalmente durante cinco anos sem ouvir de resultado? Mas eles agüentaram e os mantenedores também, e lá se foram mais cinco anos, e nada--nenhum índio se converteu! Como pode? Quem agüenta uma coisa dessas? Sabe lá como, eles agüentaram, e os mantenedores também; e lá se foram **mais** cinco anos, e nada! Nada mesmo, nenhum índio se converteu! Já imaginou? Como agüentar uma coisa dessas? Por incrível que pareça, "seguraram a barra", e os mantenedores também! Se a memória não me falha, no décimo sexto ano varreu o Espírito Santo por lá e grande parte da tribo converteu-se quase de uma só vez, no décimo sexto ano! E se eles tivessem desistido após dez anos, alguém criticaria? Graças a Deus não desistiram, e a safra veio! É claro que esse caso foi um exemplo fora de série; felizmente não costuma ser tão demorado assim, mas pode ser e precisamos estar preparados para pagar o preço.

Como disse no começo do capítulo, esta estratégia se aplica primordialmente a trabalho transcultural, mas não exclusivamente. Quem for da classe média e quiser alcançar uma favela vai

enfrentar tudo que apresentei aqui, só que em grau menor. Têm outras sub-culturas--os roqueiros, os toxicômanos, as prostitutas, etc.--que exigem uma abordagem específica. Depois têm os descendentes das diversas colônias--a mentalidade alemã difere da italiana, e da japonesa, e da libanesa e assim por diante--cada grupo requer uma abordagem específica. Além de tudo isso, todo mundo deve estar por dentro desta estratégia pelo seguinte. Os que não farão trabalho transcultural pessoalmente precisam entender o que os outros enfrentam, para poder orar inteligentemente, compreender, encorajar, incentivar, sustentar, conscientizar, enfim. Todo mundo deve participar ativamente, de alguma forma, no cumprir da Grande Comissão.